

VIOLÊNCIA ESCOLAR: O PARADOXO ENTRE DISCIPLINA E VIOLÊNCIA NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Julio Gomes Almeida¹
Fábio de Andrade Carvalho²

RESUMO

Neste artigo são apresentados dados iniciais de uma pesquisa, ainda, em andamento, que estuda as práticas pedagógicas com o objetivo de verificar em que medida estas práticas se constituem em tempos e espaço de manifestação da violência escolar. Para realização dessa pesquisa assumiu-se como metodologia a abordagem qualitativa e como procedimentos de coleta de dados a análise bibliográfica e documental, completada por entrevistas semiestruturadas e observação participante. Nesse primeiro momento, apresento, aqui, um estudo bibliográfico e documental que permitiu compreender de que modo o termo violência foi abordado em diferentes contextos sociais. Nesse sentido pretende-se produzir elementos teóricos e metodológicos que permitam fundamentar e dar continuidade a pesquisa em andamento, possibilitando inferir contribuições possíveis no sentido de intervir em situações cotidianas concretas no universo escolar.

Palavras-chave: Violência. Grupos. Organizações. Instituições. Imaginário social.

INTRODUÇÃO

A violência é um tema que tem acompanhado a história humana desde os seus primórdios. Tem assumido diferentes características conforme os contextos históricos e as diferentes culturas. Trata-se de um tema muito antigo e sobre o qual muitos estudos já foram e vem sendo produzidos, resultando em vasta literatura que o abordam em aspectos diversos. Estudou-se a violência de povos contra povos, de classe contra classe no interior de um mesmo povo, de dominadores contra escravos, das instituições contra as pessoas, a violência

1 Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da USP, Professor de Mestrado em Educação da Universidade Cidade de São Paulo, Supervisor Escolar da Rede Municipal de Ensino e Conselheiro Municipal de Educação. gomes_almeida@uol.com.br

2 Graduado em Letras e em Pedagogia, Mestrando em Educação na Universidade Cidade de São Paulo, Professor de Ensino Fundamental e Médio da rede pública Municipal Estadual de São Paulo. facfabio@ig.com.br

contra a propriedade etc. Trata-se de um tema estudado tanto em seus aspectos físicos e materiais, quanto em seus aspectos psíquicos e simbólicos. Neste artigo, será abordada a violência escolar, uma questão cada vez mais presente no cotidiano das escolas e que vem se impondo como objeto de estudo e reflexão.

Cumprir esclarecer que este texto corresponde à primeira fase de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida no Programa de Mestrado em Educação da Universidade Cidade de São Paulo, vinculado à linha de pesquisa Sujeitos Formação e Aprendizagem e que procura entender em que medida as práticas escolares constituem um tempo e espaço de manifestação da violência social e institucional. Na realização da pesquisa, foi adotada a abordagem qualitativa e como técnica de coleta de dados a análise bibliográfica e documental, completada por entrevistas semi estruturadas com alunos e educadores de uma escola da rede pública municipal.

A necessidade de desenvolver este estudo se relaciona com as reflexões realizadas ao longo dos anos no convívio com a escola na condição de estudante e agora na condição de professor de Educação Básica, atuando no Ensino Fundamental e Médio, em escolas públicas. Desde cedo, vi e sofri violência nas escolas por onde passei, como já disse, na condição de aluno ou de professor. Desta forma, o interesse pelo estudo do tema está relacionado com a minha história de vida e com minha atuação profissional. Embora o tema faça parte do meu trajeto formativo, até pouco tempo meu entendimento sobre a violência era aquele que a vê apenas como um desvio de conduta das pessoas, sem relacionar o comportamento dessas com a violência institucional e com a desigualdade social. Foi à necessidade de ampliar a visão sobre o tema o principal impulso para estudá-lo.

As leituras iniciais evidenciam que a violência vem sendo abordada de diversas formas e gerando a oportunidade de ver questões relacionadas à indisciplina na escola, discutida sob diferentes óticas e perspectivas. O termo violência encontra-se hoje fortemente presente no cenário de atuação dos profissionais da educação, geralmente entendido como consequência da ação dos alunos ou de outros sujeitos externos à escola, porém quase nunca tomando como referência às práticas escolares. No entanto, a minha convivência com a escola vem deixando cada vez mais claro que as práticas escolares são também produtoras e reprodutoras

de violência. Nesse sentido, realizar uma pesquisa sobre essa problemática emergiu como fundamental para compreender de que maneira os envolvidos no espaço escolar se relacionam com essa problemática.

Trata-se de um tema relevante, pois a compreensão das formas de manifestação da violência no espaço escolar, seja nas relações verticais ou nas relações horizontais, pode ajudar no desencadeamento de novas maneiras de lidar com esse tema dentro do universo escolar. Este estudo pode também contribuir para que educadores ou estudantes tenham possibilidades de analisar a questão da violência escolar a partir de outra perspectiva. Desta forma, esta pesquisa, além de contribuir para a minha formação enquanto educador, pode também ajudar outros estudantes e educadores que atuam no ambiente escolar na reflexão sobre a violência que a escola produz e reproduz.

Com relação à contribuição desse estudo para a minha formação enquanto educador trata-se de uma questão importante, uma vez que estando presente no universo escolar, a compreensão dessas relações ajudará no enfrentamento destas questões sob uma ótica diferenciada, entendendo a minha própria prática enquanto professor e possibilitando a outros interessados no assunto uma leitura dos aspectos aqui abordados.

A violência escolar há décadas tem assumido lugar de destaque nos diversos espaços nos quais se discute educação. Chama-se de violência escolar, sobretudo, as agressões contra as pessoas e contra o patrimônio que acontecem na escola, com foco principal naquela praticada pelos alunos. A violência praticada pelo Estado e seus agentes, embora já tenha sido amplamente estudada, não está tão presente no debate quando, no dia a dia, se fala de violência escolar. Os efeitos sociais deste tipo de violência têm sido potencializados pela divulgação, em muitas situações de modo sensacionalista, de casos como o do ex-aluno que invadiu uma escola no Rio de Janeiro e atingiu dezenas de crianças deixando algumas mortas e outras tantas feridas ou da criança que atirou na professora e em seguida suicidou-se, em uma escola de São Caetano do Sul.

Os casos são muitos e tem repercutido na mídia de diferentes maneiras. Apesar das diferentes visões, é fato que a escola vem se configurando como um tempo e um espaço onde a violência se manifesta. Embora ela seja um dos espaços de manifestação da

violência, talvez aquele onde essa manifestação atinja um número maior de pessoas, se considerarmos que um terço da população está envolvida com a escola (DOWBOR, 2010, p. 167), parece importante problematizar o emprego deste termo. A escola tem se constituído tempo e espaço de manifestação dos comportamentos considerados violentos, contudo a violência existe desde muito antes da escola, sobretudo relacionada à necessidade de domínio de um povo sobre o outro, controle social por indivíduos que detinham o poder, pelas religiões, pelo Estado e por grupos e pessoas que não conseguem conviver com os diferentes.

Trata-se de uma questão antiga, cujo tratamento nas situações concretas reclama estudo e reflexão com vistas a contribuir para que o mesmo seja abordado sem desconsiderar a complexidade que lhe é peculiar. Neste sentido, o principal desafio deste trabalho é contribuir para a problematização da questão buscando desvelar outras formas de manifestação da violência no cotidiano da escola além das agressões físicas ou danos materiais praticados por aqueles que frequentam a escola.

A MALDIÇÃO DA VIOLÊNCIA

Como se vê muito se tem discutido a respeito da violência na escola, porém percebida por alunos e professores como algo que está no entorno e que quando entra na escola é por descuido. Desta forma, a escola busca se livrar da violência expulsando do seu interior aqueles que ela julga portadores desta violência e se protegendo para que não seja invadida por novos agentes dessa violência. Nesse contexto, ganha espaço o apelo a mecanismos de autoproteção tais como colocação de grades e, mais recentemente, de câmeras. Ao discutir a questão da violência, Almeida (2010) mostra a importância de não se restringir a discussão sobre a violência apenas a suas formas mais simples, como mostra o trecho seguinte:

Esse clima de medo e insegurança presente na sociedade atinge também a escola e por ser fator determinante na organização de seus tempos e espaços, passa a integrar o seu currículo. Tal situação pode ser observada pela quantidade de grades existentes nas escolas, cujos espaços são cada vez mais fechados mostrando a

preocupação com eventuais invasores. Esse modo de conceber a violência promove o fechamento da escola para o diferente e contribui para o estabelecimento do preconceito como principal critério de avaliação sobre quem deve ser recebido na instituição e qual o comportamento adequado para ali permanecer (ALMEIDA, 2010 p. 491).

Sanches Teixeira (2010) em uma pesquisa realizada sobre violência no cotidiano da escola apresenta uma situação em que, mesmo se sentindo protegidos da violência externa pelos muros, ainda faltava às pessoas clareza sobre como lidar com a violência que “rondava os muros da escola e até mesmo a sala de aula”.

Contudo, é preciso ressaltar que, apesar da insegurança e do imaginário do medo, consideravam a escola como um espaço seguro, protegido das ameaças vindas de fora ou dos atos de incivilidade praticados pelos colegas. A maioria sentia-se seguro dentro dos muros da escola, e confiava nos professores para ajudá-los a vencer as dificuldades e o medo da violência. Tal percepção, porém, não os impedia de terem uma consciência difusa da escola, para lidar com a violência que rondava os muros da escola e até mesmo a sala de aula. (TEIXEIRA, 2010, p. 49)

Desse modo, se pretende compreender de que maneira e onde a violência se manifesta na escola, para que se possa contribuir, enquanto sujeito participante desse universo, para o enfrentamento da questão e o encontro de caminhos para lidar com ela. Os dados vêm mostrando que a violência pode se manifestar de diversas formas e em diferentes situações escolares: nas relações professor x aluno, nas relações entre os alunos, nas práticas institucionais que organizam o cotidiano da escola, na maneira como a escola organiza o currículo, enfim, ela se manifesta não apenas nas formas instituídas de poder, mas também no movimento instituinte, que se desenvolve na unidade.

A reflexão inicial sobre o tema fez emergir alguns conceitos importantes relacionados ao tema em estudo, dentre os quais destaque os conceitos de organização escolar e de violência escolar que procurei discutir neste artigo.

○ PARADOXO DA VIOLÊNCIA

Para entender o conceito de organização escolar, recorri aos estudos do campo da Teoria das Organizações e da Psicossociologia com destaque para os trabalhos sobre as instituições e os processos de constituição e funcionamento dos grupos. Neste sentido, encontro apoio nos trabalhos de Lapassade (1993), Enriquez (1997), Bion (1975) que analisam o grupo e sua dinâmica na organização social.

Lapassade (1993), ao se referir à noção de instituições e de funcionamento de grupos, considera que há uma relação entre esses termos a ser levada em conta nos estudos que os abordem. Para o autor, a instituição é parte da estrutura do conjunto social e não há como entender um grupo sem considerá-lo dentro desse contexto, que para ele deve ser estudado em três níveis: o grupo, a organização e a instituição.

Esses três níveis se fazem presentes no contexto escolar, o pedagógico, relacionado às práticas pedagógicas, às relações estabelecidas entre professores e alunos, a disciplina, o ensino etc..., a escola, enquanto uma organização administrativa e burocrática, funcionando, historicamente, como um poder autoritário, e por último o Estado, enquanto uma instituição que estabelece às Leis, às normas e o currículo. No entanto, ainda segundo Lapassade (1993), o primeiro nível – o grupo – precisa ser estudado e todo mecanismo de constituição e funcionamento entendido, pois é nele que acontece a aceitação ou não daquilo que é imposto pelo Estado ou pelo representante administrativo. O grupo enquanto parte da estrutura social é vivo e dinâmico, funciona de diferentes formas em diferentes contextos. É o grupo que dinamiza o que o autor chama de instituinte, isto é, as vivências organizadas segundo normas explícitas ou camufladas.

Considerando o grupo e o seu funcionamento, como uma organização social viva e dinâmica, Enriquez (1997) afirma que um grupo se organiza em função de um projeto em comum e para que um grupo construa um projeto comum há necessidade de existência de um imaginário social comum. Isso significa dizer que no grupo estão presentes valores comuns, regras sociais, articulados por meio de uma idealização, uma ilusão e uma crença. Nesta situação, cada membro do grupo tem em si um sentimento de pertencer a uma

coletividade. A existência deste imaginário social comum faz com que funcionem as regras, os meios de convivência, a solidariedade, fatores esses que regulam a vida do grupo.

O estudo desse imaginário comum foi umas das contribuições de Bion (1975) ao realizar uma pesquisa com pacientes internados em hospitais psiquiátricos, após a Segunda Guerra Mundial. Nesta pesquisa, Bion (1975) desenvolveu um trabalho de psicoterapia de grupo percebendo que um grupo se constituía não apenas por afinidades, mas por o que ele denomina de "pressuposto de base". Essa definição dada pelo autor corresponde à dinâmica de formação do grupo que, segundo Bion, ocorre por meio da união para realizar uma tarefa e por emoções ligadas ao imaginário desse grupo. Um grupo se constitui por um viés racional e emocional, embora o segundo faça parte do imaginário social, ele ocorre inconscientemente. Nesse sentido, a compreensão dos mecanismos de constituição e funcionamento dos grupos configura-se como parte relevante dessa pesquisa.

A escola configura-se como uma organização social na qual grupos com projetos diferentes, organizados por imaginários diferentes interagem e realizam incessantes trocas. As trocas realizadas no cotidiano da escola são orientadas pelas práticas institucionais que organizam o seu dia-a-dia e pelo imaginário social dos grupos que interagem em seu cotidiano. A partir disso, verifica-se que as práticas escolares, em muitas situações, se constituem um lugar de manifestação da violência, presente no imaginário dos grupos que interagem no interior da escola.

Para entender a noção de violência escolar, recorri aos estudos de Michel Foucault (2003) que estuda a dinâmica da violência no processo de consolidação do Estado moderno; Bourdieu (1982) que discute a violência simbólica na organização escolar para então a chegar a autores que discutem a manifestação desta violência no cotidiano das organizações tais como Maffesoli (1998, 2001) e Sanchez Teixeira (2000, 2010).

A violência para Foucault (2003) se manifesta por meio da disciplina, das regulações, estabelecendo um mecanismo de vigilância e punição sob o outro. Controla-se o tempo e o espaço por meio de regras, normas, horários, grades e rotinas pré-estabelecidas. Essa disciplina normalizadora nas instituições não permite espaço para o diferente, para a heterogeneidade, tudo deve ser controlado, repartido,

minimizado, para otimizar a racionalidade e evitar o desperdício de tempo. Segundo o autor, a escola é uma das instituições a serviço desse Estado moderno que emprega recursos simbólicos, sinais, gestos, tudo para que se mantenha a ordem estabelecida.

Na oficina, na escola, no exército funciona como repressora toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseira, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes incorretas, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência). Ao mesmo tempo é utilizada, a título de punição, toda uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações. Trata-se ao mesmo tempo de tornar penalizáveis as frações mais tênues da conduta do aparelho disciplinar: levando ao extremo, que tudo possa servir para punir a mínima coisa; que cada indivíduo se encontre preso numa universalidade punível-punidora. (FOUCAULT, 2003, p. 149)

Estes procedimentos normalizadores utilizados para disciplinar o corpo se manifesta por meio de diversos mecanismos estabelecidos, especificamente no caso da escola, por meio de provas, horários estabelecidos de estudos, notas, comportamentos, horários de lazer, uso de sanitários, silêncio nas aulas, etc... Tudo deve ser mantido em uma determinada ordem estabelecida para todos, professores e alunos. Desta forma, a disciplina escolar se apresenta por aspecto moral e ético que controla os comportamentos por meio de controle rígido e de uma vigilância totalitária.

Este controle do tempo e espaço no contexto escolar é analisado por Bourdieu (1982) como uma violência simbólica, que se manifesta nas contradições impostas pela escola em relação às diferenças culturais existentes entre classes sociais. Essa diferença social entre as classes é marcada por valores simbólicos constituídos historicamente e socialmente. Esses valores são internalizados e legitimados pela escola como únicos em uma sociedade marcada pela desigualdade social, segregada pelo modo linguístico, pelos comportamentos de uma cultura em relação à outra. Segundo Bourdieu:

A seleção de significações que define objetivamente a cultura de um grupo ou de uma classe como sistema simbólico é arbitrária na medida em que a estrutura e as funções dessa cultura não podem ser deduzidas de nenhum princípio universal, físico, biológico ou espiritual, não estando unidas por nenhuma espécie de relação à “natureza das coisas” ou a uma “ natureza humana”. (BOURDIEU e PASSERON, 1982, p.23)

Nesse sentido, a violência simbólica se manifesta na escola por meio de signos dos quais a cultura dominante define como única e legítima, autorizando a instituição escolar a difundir os costumes, os comportamentos, as regulações de uma forma dissimulada e aceita por outras classes sociais, onde não há espaço para o diferente ou para os estereotipados nesse sistema educacional.

Em diferente perspectiva, mas que se entrecruzam com as abordadas por Foucault (2003) e Bourdieu (1982), Mafessoli (1987) caracteriza a violência como algo presente desde os primórdios de nossa civilização e nem mais nem menos em tempos atuais, na sociedade contemporânea. Segundo o autor, a violência sempre foi algo que diversas gerações tentaram exterminá-la ou controlá-la por um viés racional, tratando-a como um desvio de conduta e ou de comportamento. No entanto, em *Dinâmica da Violência* Mafessoli (1987) aborda esse fenômeno como algo pertencente à dinâmica social, funcionando em diversos momentos como um fator de renovação, de resistência às condições de sobrevivência humana e que emergem como um retorno do recalcado. Essa perspectiva não significa a condição de aceitar a violência como um fator de desordem social, mas como um elemento que permite um olhar sob a monopolização da violência por algumas instituições. Ainda, segundo o autor, a violência assombra, traz a insegurança, torna-se a parte sombria que permeia o corpo social, por isso a estrutura social teme a violência e vive no paradoxo de reprimir e conter esse fenômeno. Ainda, ao se referir a esse termo violência, Mafessoli (1987) o considera da seguinte forma:

Sendo assim, não é possível analisar a violência de uma única maneira, tomá-la como um fenômeno único. Sua própria pluralidade é a única indicação do politeísmo de valores, da polissemia do fato social investigado.

Proponho, então, considerar que o termo violência é uma maneira cômoda de reunir tudo o que se refere à luta, ao conflito, ao combate, ou seja, à parte sombria que sempre atormenta o corpo individual ou social. (MAFESSOLI, 1987, p.15)

Neste paradoxo de disciplina e violência que permeia o tempo e o espaço escolar, separam-se os grupos que apresentam perigos à estrutura vigente ou procuram ignorar o fato como um problema social e não enquanto um modelo de escola em que prevalece a homogeneização. No entanto, a normalização e a repressão não são consideradas pela escola como fatores de violência, mas como processo necessário à manutenção da ordem e da otimização do tempo em que se instaura um processo repressor sobre todos que circulam nesse espaço.

Estes dados iniciais, levantados a partir do estudo, à luz de algumas correntes teóricas, de conceitos e situações que emergem no universo escolar, levam a concluir que a violência é uma questão, além de antiga, extremamente complexa. A chamada violência escolar permeia os diferentes tempos e espaços da escola, por isso, o esforço para compreendê-lo tem encaminhado para o estudo de outros conceitos, cujo entendimento emerge como necessário no estudo da manifestação da violência no âmbito das práticas escolares. Assim, além das noções de organização social e violência escolar, abordados neste artigo, destaco conceitos como organização educativa, grupos, imaginário social, poder, entre outros, que serão estudados nas etapas seguintes da pesquisa. O entendimento de conceitos como estes é fundamental no processo de investigação sobre a manifestação da violência na escola entendida como ambiente organizacional complexo.

As leituras realizadas até o momento, as experiências que venho realizando em escolas públicas e a reflexão, enquanto participante desse universo, mostram que a violência se manifesta nos tempos e espaços de uma escola organizada por meio de concepções e práticas socialmente construídas, muitas vezes assumidas como naturais. Desta forma, o que se pretende enquanto pesquisador é problematizar as práticas escolares, que durante muito tempo foram objeto de inquietação em minha vivência enquanto estudante e ultimamente enquanto educador.

Almeida (2010), referindo-se a esse tema, destaca que a violência na escola tornou-se uma grande preocupação social. Sua discussão tem extrapolado os muros da escola e alcançado outros setores sociais. Para ele, trata-se de um tema com grande espaço nas diversas mídias presentes em nossa sociedade e que tem sido foco das reflexões entre educadores, pais e pessoas interessadas nos destinos da escola. Contudo – destaca ainda esse autor – a discussão pouco tem interferido nas relações que se estabelecem na escola de modo que continua frequente o envolvimento de alunos e de professores em situações de violência. Neste sentido, contribui para que não se venha alcançando resultados satisfatórios no combate à violência na escola o fato das discussões e encaminhamentos virem assumindo um caráter simplificador, como vemos no trecho seguinte:

A violência passou a fazer parte do nosso cotidiano, atingindo, hoje, todas as camadas sociais. É o que atesta o grande espaço ocupado por esse tema na mídia impressa, falada ou televisada. Embora haja diferentes formas de violência, a mais destacada pela mídia é aquela que atinge a integridade física das pessoas ou a propriedade, ficando de lado as não explícitas. Desta maneira a questão da violência vem sendo reduzida as suas formas mais simples. Esse tratamento simplificado de uma questão tão complexa, tem se tornado uma fonte geradora de mais violência, pois procura resolver o problema sem considerar seu caráter histórico e social. O destaque que esse assunto tem recebido e a forma como vem sendo tratado pelos meios de comunicação estabelecem um clima de medo e insegurança que mobiliza as pessoas a procurarem a se defender de uma iminente ação violenta. (ALMEIDA, 2009, p. 490)

Analisando o tema em perspectiva mais ampla, Michel Foucault (1926-1984), em sua obra *Vigília e punir* (2003), aborda o tema sob a perspectiva do funcionamento do poder por meio da disciplina imposta pela escola de forma que o modo de organização posto pela escola, como os horários a serem cumpridos, a distribuição dos alunos em fileiras e a fragmentação dos conteúdos, como formas de controle sobre os indivíduos, reprimindo qualquer manifestação que não seja de acordo com as normas propostas pela escola. Segundo

Foucault (2003, p.143), "a disciplina 'fabrica' indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício", ou seja, ao mesmo tempo em que a escola homogeneiza todos, retirando a individualidade de todos em nome da disciplina e da organização, serve-se dos comportamentos dos indivíduos para a composição de novas formas de controle.

As formas de controle e de manifestação do poder presentes no contexto escolar, muitas vezes, passam despercebidas como formas de violência que se perpetuam, seja na forma horizontal ou vertical de se impor uma forma sobre a outra. Assim entender esse paradoxo entre a escola e as práticas escolares se faz necessário em uma perspectiva que busque a construção de uma escola mais humana e democrática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu compreender a violência como um fenômeno de manifestação social, a partir de estudos realizados por diferentes autores. Essas diferentes abordagens, que se entrecruzam, definem o termo violência enquanto um fenômeno social presente em determinadas conjunturas sociais em diferentes épocas, sobretudo em nossa sociedade contemporânea e, especificamente, no contexto escolar enquanto um paradoxo entre disciplina e violência, em uma instituição complexa que é a escola.

No entanto, é interessante observar que a violência exposta pela mídia, ao se referir à escola, desconsidera ou trata a disciplina e a violência como fatores isolados que não se interligam, apesar da primeira ser uma maneira de conter a segunda, ou ainda, instaurando-se um clima de desconfiança e medo, em que sempre alguém se torna um alvo em potencial, ora como vítima, ora como agressor. Desse modo, o termo violência repercute na escola como algo sensacionalista, praticado por indivíduos que precisam ser punidos, desconsiderando o próprio ato entre o que pratica a violência e o que pune em diferentes posições sociais, a instituição enquanto um poder de punir e controlar e o infrator considerado como um marginal, que assombra e traz a insegurança social.

Portanto, mesmo que, nesse primeiro momento da pesquisa o termo violência tenha sido estudado dentro de uma perspectiva

educacional, é relevante perceber que a violência é um fenômeno que emerge em diferentes momentos e situações, e que a complexidade do termo impõe reflexões mais abrangentes. Não se pode entender a violência sem considerar a luta diária contra as condições de sobrevivência impostas pela desigualdade social.

SCHOOL VIOLENCE: THE PARADOX BETWEEN DISCIPLINE AND VIOLENCE IN EDUCATIONAL PRACTICE

ABSTRACT

This article presents initial data from a research still in progress, which examines the pedagogical practices with in order to ascertain to what extent these practices are constituted in time and space for the manifestation of school violence. To conduct this research was seen as a qualitative approach and methodology as procedures for data collection to analyze literature and documents, supplemented by semi-structured interviews and participant observation. At this time, we present here a bibliographic and documentary that allows us to understand how the term violence has been addressed in different social contexts. In this sense it is intended to produce theoretical and methodological elements that enable and support continuing research in progress, allowing to infer possible contributions towards concrete action in everyday situations in the school universe.

Keywords: Violence. Groups. Organizations. Institutions. Social Imaginary.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. G. *A intervenção (im)possível no cotidiano de uma escola: relato do trajeto de um diretor de escola da rede pública municipal*. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, 2003.

ALMEIDA, J. G. Violência: vizinha ou habitante do mesmo espaço? *EccoS*. v. 11, n. 2, p. 487-508, jul./dez. 2009. Disponível em: < <http://www4.uninove.br/ojs/index.php/eccos/article/viewFile/1573/1612> > Acesso em 15 set/2011.

ALMEIDA, J. G.; NHOQUE, J. R. Entrevista: Ladislau Dowbor. *Revista@ ambienteeducação*, v.3, n.1, p.166-173, jan/jun.2010. Disponível em: < http://www.cidadesp.edu.br/old/revista_educacao/pdf/volume_3_1/julio.pdf > Acesso em: 24 set/2011.

Violência escolar... - Julio G. Almeida e Fábio de A. Carvalho

BION, W. R. *Experiências com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*. Trad. Walderedo Ismael de Oliveira. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: EDUSP, 1975.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 2 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

ENRIQUEZ, E. *A organização em análise*. Petrópolis: Vozes, 1997.

FOCAULT, M. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2003.

LAPASSADE, G. *Grupos organizações e instituições*. 2 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

MAFFESOLI, M. *A conquista do presente*. Natal: Argos, 2001.

MAFFESOLI, M. *Dinâmica da violência*. São Paulo: Vértice, 1987.

TEIXEIRA, M. C. S. *O imaginário de Paulo Freire e Anísio Teixeira*. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

TEIXEIRA, M. C. S. *Violência na escola: o medo nosso de cada dia*. Disponível em: < http://www.cidadesp.edu.br/old/revista_educacao/pdf/volume_3_1/maria.pdf Acesso em 07 mai/2011.

Recebido em agosto de 2013.

Aprovado em dezembro de 2013.